Dia 19 — São Januário, Bispo e Mártir, e seus Companheiros

Martirológio Romano

Os santos mártires Januário, bispo de Benevento; Festo, seu diácono; Desidério, lector; Sósio, diácono da igreja de Misena; Próculo, diácono de Pozzuoli; Eutiques e Acúcio, em Pozzuoli, na Campânia, na Itália: os quais, depois de haverem estado no cárcere carregados de cadeias, foram degolados no tempo do imperador Diocleciano; o corpo de São Januário o levaram a Nápoles e o enterraram honoravelmente na igreja, onde se conserva também, numa redoma de vidro, uma porção de seu sangue, a qual, posta diante de sua cabeça, visivelmente se liquefaz e ferve como se estivesse fresca. (Veja-se a história de São Januário entre as de hoje.)

O martírio dos santos mártires Félix e Constância, em Nocera, martirizados no tempo de Nero.

Os santos mártires Peleu, Nilo e Elias, bispos do Egito, na Palestina; os quais, na perseguição de Diocleciano, juntamente com muitos clérigos, foram queimados vivos pela fé de Cristo.

Os santos mártires Trófimo, Sabásio e Dorimedonte, no mesmo dia, no tempo do imperador Probo; Sabásio, em Antioquia, por ordem do presidente Ático, foi açoitado até que morreu; Trófimo, enviado a Sinada ao presidente Perênio, depois de muitos tormentos, para dar glorioso fim a seu martírio foi degolado junto com Dorimedonte, senador.

Santa Pomposa, virgem e mártir, em Córdova, na perseguição dos árabes. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Teodoro, bispo, em Cantuária; o qual, sendo enviado à Inglaterra pelo papa Vitaliano, floresceu em doutrina e em santidade. (Era natural de Tarso, na Cilícia; estudou em Atenas a filosofia e as belas-letras e, havendo abraçado a vida monástica, foi-se a Roma. Informado o papa Vitaliano de sua sabedoria nas letras divinas e humanas e de sua santidade, consagrou-o para o arcebispado de Cantuária, na Inglaterra. Ali estabeleceu bispados, introduziu o canto gregoriano, criou cátedras, e ele mesmo ensinava as línguas grega e latina, e foi fundador da famosíssima escola que tantos homens grandes produziu. Seu *Penitencial*, coleção de cânones relativos às penitências públicas, é

por si só um monumento eterno de sua sabedoria. Morreu pelos anos de 690, e os ingleses choraram sua perda como uma calamidade irreparável.)

Santo Egídio, bispo, em Tours, varão de esclarecida virtude.

São Sequano, presbítero e confessor, na diocese de Langres.

Santa Maria de Cervelló, virgem, da Ordem de Santa Maria da Mercê, em Barcelona, na Espanha; a qual, pela prontidão com que protege os que a invocam, é comumente chamada Santa Maria do Socorro ou do Socós. (Sua vida se lê entre as do dia 21 de maio, conforme o calendário de Madri.)

Nota 1. No ano de 1816 extraiu-se do cemitério de Roma intitulado *Priscillae*, na via Salária Nova, o sagrado corpo da jovenzinha Santa Constância, mártir, com o vaso de sangue, por instância do cardeal Bardají, o qual o enviou a Barcelona à excelentíssima senhora duquesa de Almenara Alta, marquesa de Villel, em cuja casa esteve colocado em seu oratório até o ano de 1848, em que foi trasladado ao convento de Religiosas Carmelitas Descalças, dito de Santa Teresa, da mesma cidade de Barcelona, onde ficou colocado num devotíssimo oratório dedicado a Nossa Senhora de Montserrat, que as religiosas têm dentro da clausura. Ignora-se o motivo por que a dita senhora duquesa celebrou sempre a festa desta santa mártir em tal dia como hoje, em que o Martirológio Romano faz comemoração de São Félix e Santa Constância, sacerdote o primeiro, de Nocera, na Itália, e a segunda nobre matrona da mesma cidade, cujos Santos, no ano 69, imperando Nero, foram condenados à morte por confessar constantes a fé de Jesus Cristo.

São Januário, Bispo e Mártir, e seus Companheiros

Foi São Januário natural de Benevento, de uma das mais antigas famílias do país, como descendente daqueles antigos samnitas que tiveram guerra com os romanos, quando aqueles eram donos do ducado de Benevento, da Terra de Labor, da Capitanata e dos Abruzos. Não se sabe coisa segura dos primeiros anos de nosso Santo; só é certo que sua família era mais ilustre pela pública profissão que fazia do cristianismo que pelo esplendor de sua antiquíssima nobreza, ao mesmo tempo que os Imperadores tinham declarada a mais cruel guerra aos Cristãos. É muito provável que a educação correspondeu a sua religião e a seu nascimento. O que não admite dúvida é que Januário era venerado como o eclesiástico mais santo e mais sábio de todo o clero quando sucedeu a vacância da sé episcopal de Benevento. Deixaram pouco que deliberar à eleição sua virtude e sua sabedoria; pelo que unanimemente o aclamaram por bispo os votos uniformes do povo e do clero. A dificuldade esteve em vencer sua humildade e sua modéstia, sendo preciso um expresso preceito do Sumo Pontífice, que então era São Caio ou São Marcelino, para rendê-lo a prestar seu consentimento.

Mal se sentou Januário na sé episcopal, toda a diocese conheceu o particular cuidado que a divina Providência tinha de seu povo, dando-lhe em tempos tão críticos um pastor tão digno e tão benemérito. A esforços de sua imensa caridade, de seu infatigável zelo e de sua solicitude pastoral desterrou-se logo a indigência, ficaram consolados os aflitos e socorridos todos os necessitados. Ia o santo Prelado buscar no mais retirado dos bosques os que pela cruel perseguição fugiam das povoações, resplandecendo tanto sua abrasada caridade que a admiravam até os mesmos gentios; e, enfeitiçados de sua prudência, de sua generosidade e de sua mansidão, tinham particular gosto em conversar com ele, descobrindo-lhe com franqueza suas necessidades; aproveitou-se tão oportunamente seu zelo da estima e da confiança com que o tratavam os idólatras que converteu grande número deles.

Acesso o fogo da perseguição em todos os Estados do império pelos editos que os imperadores Diocleciano e Maximiano haviam publicado contra os Cristãos, teve nosso Santo muitas e belas ocasiões de assinalar seu zelo e seu valor, não só nos termos de sua diocese, mas em todas as cidades comarcãs, que continuamente andava visitando, já para socorrer os fiéis despojados de seus bens pela cobiça dos ministros, já para alentar os expostos à crueldade dos tiranos e já para exercer suas funções pastorais. Andando nestas excursões, verdadeiramente apostólicas, encontrou em Misena um jovem diácono, chamado Sósio, que estava em serviço daquela igreja e era um moço de extraordinário mérito, com quem estreitou grande amizade. Lendo um dia o santo Diácono o Evangelho diante de todo o povo, viu nosso Santo revoar uma resplandecente chama ao redor de sua cabeça; e à vista deste presságio disse desde logo que seria coroado com a coroa do martírio, o que se verificou muito cedo. Poucos dias depois foi denunciado Sósio por cristão ante o tribunal de Draconcio, governador da Campânia, que o mandou prender. Examinou-o acerca de sua religião e ficou tão prendado de seu ar, de seu entendimento e de sua modéstia que não perdoou a promessas nem a ameaças para perverter-lhe; mas, vendo sua invencível constância em confessar a Jesus Cristo e sua heroica fé, superior a toda prova, mandou açoitá-lo cruelmente e aplicá-lo à questão, até que, cansado com a experiência do escárnio e do riso que fazia de seus tormentos, ordenou que o levassem aos cárceres de Pozzuoli, com ânimo de substanciar sua causa e sentenciá-la na primeira audiência. Logo que se soube na cidade que o santo Mártir havia chegado a ela, passaram a visitá-lo todos os fiéis, especialmente o diácono Próculo e dois cidadãos chamados Eutiques e Acúcio. Informado Draconcio da generosa caridade dos três últimos, mandou trazê-los diante de si juntamente com São Sósio; e, havendo-os feito despedaçar a açoites com a maior crueldade, deu ordem para que todos os quatro fossem encerrados no cárcere para tirar-lhes a vida no primeiro dia em que se abrisse o tribunal.

Noticioso São Januário de que o diácono Sósio estava preso e de que havia confessado a fé em meio aos tormentos como verdadeiro herói cristão, partiu para Pozzuoli, não só para alentá-lo a ele e a seus companheiros a que desprezassem todos os tormentos por amor de Jesus Cristo, mas também para assisti-los em suas necessidades com heroica caridade. Logo logrou o prêmio dela. Retirado Draconcio do governo, sucedeu-lhe nele Timóteo. Achando-se em Nola o novo Governador, recebeu várias delações contra os Cristãos e deram-lhe notícia de que um homem de Benevento, chamado Januário, fazia muitas viagens a Pozzuoli para assistir aos que seu predecessor tinha nos cárceres por causa de religião; e, não contente com confirmá-los na fé, encantava de tal maneira com seus feitiços os mesmos gentios que havia persuadido a muitos a abraçar o cristianismo. Acendido em cólera Timóteo com esta deposição, deu ordem de que

prendessem a Januário e lho trouxessem atado de pés e mãos. Mandou-lhe o Governador que logo sacrificasse aos deuses; e, como o Santo se horrorizasse de semelhante proposição, deu ordem de que no instante o arrojassem num forno aceso. Executou-se a ordem sem dilação; mas quis Deus renovar em favor de nosso Santo o milagre dos três meninos de que se fala na Escritura. Em lugar do fogo abrasador, Januário achou refrigério nas chamas, saindo delas sem a mais mínima lesão de suas vestes, nem que lhe faltasse um só cabelo da cabeça.

Surpreendeu a todos os assistentes esta maravilha, e até o mesmo tirano ficou como cortado e aturdido; mas, atribuindo-a a arte mágica, que era o recurso comum dos gentios para desprezar os prodígios que observavam nos Cristãos, enfureceu-se muito mais: e, mandando que estendessem o Santo no potro, fez-lhe arrancar os nervos e ordenou que o levassem ao cárcere com resolução de fazê-lo padecer mais cruéis suplícios.

Sobressaltaram-se os fiéis de Benevento com a notícia do que havia sucedido a seu santo Bispo; e ao ponto o diácono Festo e o lector Desidério partiram a visitá-lo e assisti-lo em nome de toda a sua igreja. Mas Timóteo os mandou prender logo que teve notícia de sua chegada e, fazendo-os comparecer em seu tribunal, perguntou-lhes seu estado, sua religião e o motivo de sua viagem. Responderam-lhe com igual modéstia que constância que eram cristãos, ministros do santo Prelado, que haviam vindo para assisti-lo na prisão e esperavam que Deus lhes fizesse a graça de que fossem também seus companheiros nos suplícios. Confrontou-os o tirano com São Januário, que nem temeu reconhecê-los nem se deteve em declarar que eram dois indivíduos de seu clero. Em virtude desta declaração mandou que lhes pusessem grilhões nos pés e os obrigou a que caminhassem diante de sua carroça até Pozzuoli para serem lançados às feras com os demais que havia sentenciado. Assombrava os pagãos a alegria que manifestava toda aquela gloriosa tropa de Mártires. Logo que chegaram nossos Santos, tiraram-nos ao anfiteatro e, voltando-se então São Januário a seus companheiros, disse-lhes: «Ânimo, irmãos meus, este é o dia de nosso triunfo: combatamos generosamente pela fé de Jesus Cristo e derramemos com valor nosso sangue por aquele Senhor a quem devemos a vida. Este Senhor me enviou aqui para que o pastor não estivesse sem seu rebanho e para que o bispo não oferecesse o sacrifício de sua vida sem seus ministros. Não façam impressão em nossos corações as promessas nem as ameaças: guardemos a nosso divino Mestre uma inviolável fidelidade: ponhamos nele toda a nossa confiança; e com sua ajuda não temamos os tormentos nem a mesma morte.» Não bem o santo Mártir havia acabado de falar quando soltaram todas as feras contra eles em presença de uma prodigiosa multidão de gente que havia concorrido ao espetáculo. Correram furiosos para os santos Mártires os leões, os tigres e os leopardos, aos quais não haviam dado de comer em muitos dias; mas em vez de despedaçá-los prostraram-se a seus pés, começaram a lambê-los como por respeito, fazendo-lhes muitas festas com as caudas, sem que nem um só se atrevesse a tocá-los. Ficou atônita a multidão à vista daquela maravilha e ouviu-se um surdo murmúrio em todo o anfiteatro, dizendo que não havia outro verdadeiro Deus senão o Deus dos Cristãos, não sendo possível que tão palpável milagre fosse efeito da arte mágica, posto que nenhum sacerdote dos ídolos com todos os seus encantamentos havia sabido fazer jamais coisa que se lhe parecesse. Ouviu o Governador este murmúrio; e, temendo que se levantasse contra ele alguma sedição, mandou que sem perder tempo tirassem do anfiteatro todos os Mártires e, conduzidos à praça pública, os degolassem a todos. Ao tempo de conduzi-los, como Januário passasse diante do Governador, pediu a Deus que tirasse a vista corporal ao tirano para confundir sua obstinação. No mesmo ponto ficou cego

Timóteo e, aturdido com aquele milagroso castigo, começou a fazer as reflexões que havia afogado à vista de tantos outros prodígios. Reconheceu o poder de Jesus Cristo: suspendeu a execução da sentença que havia pronunciado contra eles e, mandando trazer à sua presença nosso Santo, disse-lhe em tom humilde e lastimoso: «Januário, tu que adoras o Deus todo-poderoso, faze oração por mim e pede-lhe que me restitua a vista de que me privou em castigo de minhas culpas.»

Querendo o Santo mostrar o poder do verdadeiro Deus por outro novo milagre, fez segunda oração em favor do Governador, e foi tão eficaz como a primeira. No mesmo instante recobrou Timóteo a vista, cuja maravilha converteu cinco mil gentios. Mas são poucos os corações ambiciosos que se convertem com os milagres. Temendo Timóteo perder a graça do Imperador se perdoasse aos santos Mártires, deu ordem secreta a seus oficiais para que sem dilação executassem a sentença.

Quando levavam o Santo à praça Vulcana para ser degolado, um bom velho, cristão de profissão, arrojou-se a seus pés e, desfazendo-se em lágrimas, suplicou-lhe que lhe desse alguma alfaia de seu uso para guardá-la em sua casa como preciosa relíquia. Movido o Santo da devoção do bom velho, disse-lhe: «Não tenho outra coisa que dar-te senão meu lenço, que me faz falta para vendar-me os olhos; mas não te desconsoles, eu te empenho minha palavra de dar-to depois de morto, e fia-te de mim.» Logo que chegou o Santo à praça pública com seus amados companheiros, vendou ele mesmo os olhos com seu lenço e, pronunciando em voz alta aquelas palavras do salmo 30: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*; em tuas mãos, Senhor, encomendo meu espírito, cortaram-lhe a cabeça, como a todos os demais, que foram os santos Sósio, Festo e Próculo, diáconos; Desidério, lector; Eutiques e Acúcio, cidadãos; sucedendo seu martírio no dia 19 de setembro, perto do fim do terceiro século.

Imediatamente os Cristãos das cidades de onde eram naturais enviaram pelos corpos dos santos Mártires. Os dos santos Próculo, Eutiques e Acúcio ficaram em Pozzuoli: os de São Festo e São Desidério foram levados a Benevento: o de São Sósio a Misena: o de São Januário foi por então conduzido a Benevento, depois ao mosteiro de Monte Virgem e, com o tempo, no pontificado de Alexandre IV, foi trasladado a Nápoles e colocado na igreja catedral, onde é reverenciado com grande devoção, havendo-o tomado a cidade por um de seus padroeiros e continuando Deus em honrá-lo todos os dias com grande número de milagres, especialmente com a proteção que se experimenta contra os furiosos incêndios do monte Vesúvio. Dista este monte somente duas léguas e meia da cidade de Nápoles e arroja rios de chamas que muitas vezes fazem grandes e lastimosos estragos. Antes do império de Augusto haviam-se experimentado cinco torrentes de fogo, e no ano 81 de Cristo rompeu uma que arruinou duas cidades inteiras, abrasando e talando uma dilatada extensão de terreno, tanto que, segundo se diz, as cinzas agitadas pelo vento chegaram até a África, a Síria e o Egito. Repetiram-se depois muitas vezes estas inundações de fogo, e uma delas especialmente foi tão violenta que se temeu que ficasse reduzida a cinzas toda a cidade de Nápoles. Acudiram os napolitanos à proteção de seu padroeiro, levaram processionalmente suas preciosas relíquias e puseram-nas diante das chamas que ameaçavam estragos à cidade. Mal se aproximaram daqueles turbilhões de fogo, de repente se os viu deter-se como por respeito e, retrocedendo depois para a boca do vulcão, apagaram-se sobre o monte, cobrindo-o de uma fumaça densa que se desvaneceu poucas horas depois. Outras muitas vezes vomitou o Vesúvio quantidade de chamas envoltas em grossas nuvens de cinza que enchem de terror todo o país; mas desde que a cidade de Nápoles possui o corpo de São Januário considera-se

com viva confiança imune e livre destes incêndios.

Aumenta-se o culto que se tributa a São Januário na igreja de Nápoles com o perpétuo milagre que se renova sempre que sua santa cabeça se põe perto de uma ampola cheia de seu precioso sangue, porque, estando este coagulado e como formando uma espécie de argamassa com a terra de que está misturado, mal se coloca junto à cabeça, começa a aquecer-se, a liquefazer-se e a ferver à vista de todo o povo como se fosse sangue vivo.

A festa de São Januário e de seus companheiros não só se celebra na Igreja latina, é também muito solene na Igreja grega; e em todas as partes se veem templos muito antigos dedicados a Deus em honra de São Januário.

Nota do tradutor

«Deixa pendente o P. Croisset a palavra de nosso Santo ao bom velho que lhe pediu em vida alguma relíquia sua; mas na lenda antiga da igreja de Benevento se diz que a cumpriu imediatamente que expirou, aparecendo ao devoto cristão e entregando-lhe o lenço que lhe havia oferecido.»

Santa Pomposa, Virgem e Mártir

Esta gloriosa virgem nasceu em Córdova no tempo da perseguição sarracena. Seus pais eram cristãos da primeira nobreza da cidade, ricos de fazenda e de virtude. No exemplo deles aprendeu Pomposa a desprezar o mundo e pôr o pé sobre sua vaníssima vaidade, a desprender-se das coisas perecedouras e abraçar as que hão de durar para sempre. Os pais, gozosos com tão claras prendas da santidade de sua filha, venderam toda a sua fazenda e do preço dela fundaram, ou antes reedificaram, na serra, a uma légua de Córdova, à parte setentrional, o mosteiro de São Salvador, chamado Peña Melaria, pela penha onde enxameiam e criam seu mel as abelhas. Ali se recolheram, dando de mão ao mundo, em companhia de seus irmãos, filhos e outros parentes. Nossa santa Virgem dedicou-se ali a todo exercício de virtude. Seu regalo e principal ocupação era a leitura dos Livros santos; tinha-os por caudilhos e por tocha nos tropeções e maus passos desta vida. Tanta era a doçura e suavidade de Deus que achava neste exercício que nem de dia nem de noite se apartava dele senão forçada das obrigações do mosteiro ou das turbações e sobressaltos daquele miserável tempo. Campeava entre suas muitas virtudes o fundamento delas, a humildade irmanada com a paciência; amava as injúrias e os menosprezos, tratava-se com extremada aspereza e rigor. Sua oração era fervorosa e contínua, dormia pouquíssimo, o mais da noite passava meditando e lendo; inculpável era sua vida, tesouro de toda virtude; em poucos anos havia feito um grande cabedal de merecimentos. Muitas outras excelências diz Santo Eulógio haver sabido desta santa Virgem por relação de Félix, grande servo de Deus, abade de seu mosteiro; as quais, diz, deixa de escrever para não cansar com a prolixidade, então não necessária para os presentes, porque as tinham à vista; se bem para os que vivemos agora fora de muito fruto. O

amor de Deus pouco a pouco foi lavrando em seu coração um vivo desejo de dar por Ele a vida. Pressentiram-no no mosteiro e a guardavam com grande vigilância, por não perder este exemplar tão perfeito de santidade. Deus não tem porta fechada. O martírio de Santa Columba, de que falamos no dia 17, foi tão assinalado que logo se divulgou pela cidade e suas cercanias; especialmente serviu de grande consolo e gozo aos mosteiros, que eram as praças de armas onde se ensaiavam os Mártires para lutar contra os tiranos. Pomposa, ouvido este sucesso, ardia em vivas ânsias de seguir a Columba na glória de sua paixão; invejava sua boa sorte. Nosso Senhor, que queria cumprir-lhe o desejo, dispôs as coisas de maneira que no dia seguinte ao martírio de Santa Columba, acabadas as matinas da meia-noite, havendo ido ela à porta do mosteiro, achou-a sem chave e abriu-a e saiu com todo o silêncio sem ser ouvida. Andou ligeiramente o caminho até a cidade, que é áspero e de maus passos e muitas ladeiras e riscos, que até de dia é mister atentar-se muito para não tropeçar. Não há coisa difícil para a caridade nem áspera para a humildade. O desejo de chegar a Cristo faz brava como leão esta terna donzela, não guardada nem defendida de gente alguma, cristã ela e entre mouros. Chegada à cidade, logo que amanheceu foi à casa do juiz e, apresentando-se a ele, disse-lhe que era cristã e com brandura celestial o exortava a que o fosse ele também e olhasse por si, abominando seu falso Profeta. O juiz, exasperado com as demandas e respostas que aqueles dias havia tido com os outros Mártires, sem contestar à santa Donzela, nem dar espera a formalidade alguma nem a razão, logo ao ponto mandou que a degolassem.

Executou-se esta sentença ante a porta do alcácer, no Campilho do Rei, a 19 de setembro do ano 853. Seu sagrado corpo foi lançado ao rio. Tiraram-no dali uns trabalhadores cristãos e deram-lhe sepultura no campo o melhor que puderam. Vinte dias depois uns monges o trasladaram à igreja de Santa Eulália e com muita solenidade foi depositado aos pés de Santa Columba. No índice das relíquias da câmara santa da igreja de Oviedo, formado pela inspeção que dela se fez no ano 1073, por instância do rei D. Afonso o Magno e em presença de muitos bispos, diz-se que naquele sagrado depósito está o corpo de Santa Pomposa, ou a maior parte de suas relíquias.

São Rodrigo de Silos

Deste servo de Deus dizem que foi tio de Santo Domingos de Gusmão. Floresceu no reinado de São Fernando, rei de Castela e de Leão, e de seu filho D. Afonso o Sábio. Deu de mão à pompa e vaidade do mundo e fez-se religioso no mosteiro de Silos. Assinalou-se tanto em toda virtude e na observância da vida monástica que o fizeram abade daquele mosteiro no ano 1242, reinando São Fernando. Serviu este ofício por espaço de trinta e quatro anos, forçado sempre e com desejo de lançar de cima de si aquela carga. Sobressaiu no zelo pela observância regular e na conservação dos bens do mosteiro, por cuja causa lhe foi preciso seguir muitos pleitos que entendia serem justos, dos quais consta que não perdeu nenhum. Tratou familiarmente a São Fernando e a seu filho D. Afonso, que por sua mão fizeram várias doações ao mosteiro. Sendo príncipe D. Afonso, esteve ali no ano 1246 e, por respeito ao abade Rodrigo, perdoou aos monteiros o descuido que haviam tido com um réu que estava no cárcere. Nove anos depois esteve ali o mesmo D. Afonso, sendo já rei, e, contando ao abade uma aparição que havia tido de Santo Domingos e dizendo-lhe que pedisse quanto quisesse, o abade, que havia saído acompanhando-o até Contreras, com

acordo de seus monges pediu-lhe as martiniegas que o Rei tinha em Silos. Sorrindo-se o Rei, disse-lhe: «Não quereis, abade, que eu tenha nada nesta vila?» Respondeu isto; mas fez o que Rodrigo pedia. Este mesmo servo de Deus foi o que vestiu o hábito de religiosa à ilustre senhora dona Constança e a fez reclusa ou emparedada, conforme o uso daqueles tempos. Manifestou Deus a santidade de seu servo obrando por seu meio grandes maravilhas. Numa Sexta-feira Santa converteu por duas vezes em vinho a água que se dava de beber à comunidade, como antes havia feito São García, abade de Arlanza. Numa grande falta de vinho que houve naquela terra, com uns poucos cachos de umas parreiras que espremeu ficaram cheias de vinho duas ou três cubas do mosteiro que mandou ter preparadas. Para que não se apagasse a memória destas maravilhas, gravaram em seu sepulcro umas parreiras com cachos, que fossem como um pregão da glória de Deus em seu servo. Estas e outras coisas assinaladas fez nosso Santo no tempo de sua abadia, além da vida exemplaríssima que fez com grande medra e proveito espiritual de seus súditos.

Era-lhe coisa dura privar-se do regalo e suavidade da contemplação por atender aos cuidados do governo. Ao cabo pôde lograr que se lhe admitisse a renúncia que fez da abadia no dia 10 de abril do ano 1276. Desde então deu nova soltura e desafogo a seu espírito, entregando-se de todo à obediência, ao jejum, ao cilício e à abstração e apartamento das gentes, dedicado somente ao trato com Deus. Morreu em tal dia como hoje no ano 1280. Deram-lhe sepultura no claustro junto ao arquivo, à mão direita como se sobe à escada chamada das Virgens. Numa pedra gravaram uma mão com báculo abacial, a qual beijavam todos em reverência ao santo Abade. Ali esteve seu sagrado corpo por espaço de duzentos e oitenta anos, até o de 1560, em que o abade Fr. Gregório de Santo Domingos quis renovar aquela escada e colocá-lo em outro sítio. Abriram seu sepulcro e o acharam tão inteiro e incorrupto como no dia de sua morte. Estava-o também o caixão de pinho, e a cogula e o cilício de crina que o cingia desde os ombros até mais abaixo da cintura, e o cinto era de cânhamo. Trasladaram-no em procissão no dia 20 de dezembro ao pano da parede do claustro baixo onde esteve o primeiro sepulcro do abade Santo Domingos. Um prodígio que nesta ocasião sucedeu, de haver-se ali desabado um silhar de mais de quatro arrobas sem fazer dano a ninguém, deu motivo a que o Abade pensasse em colocar o corpo do servo de Deus no relicário que estava no cruzeiro da igreja. No ano 1604 o trasladaram ao novo relicário onde se conserva.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Januário, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos annua sanctorum martyrum tuorum Januarii et sociorum ejus solemnitate lætificas: concede propitius, ut quorum gaudemus meritis, accendamur exemplis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que a cada ano nos alegrais na festividade de vossos santos mártires Januário e seus companheiros, concedei-nos benignamente que, assim como seus merecimentos nos

regozijam, assim também nos enfervorizem seus exemplos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 do apóstolo São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 10,32-38

> **Latim:** 32 Rememoramini autem pristinos dies, in quibus illuminati, magnum certamen sustinuistis passionum : 33 et in altero quidem opprobriis et tribulationibus spectaculum facti : in altero autem socii taliter conversantium effecti. 34 Nam et vinctis compassi estis, et rapinam bonorum vestrorum cum gaudio suscepistis, cognoscentes vos habere meliorem et manentem substantiam. 35 Nolite itaque amittere confidentiam vestram, quæ magnam habet remunerationem. 36 Patientia enim vobis necessaria est : ut voluntatem Dei facientes, reportetis promissionem. 37 Adhuc enim modicum aliquantulum, qui venturus est, veniet, et non tardabit. 38 Justus autem meus ex fide vivit : quod si subtraxerit se, non placebit animæ meæ.

Português: 32 Trazei pois á memoria os dias primeiros, em que depois de haverdes sido illuminados, soffrestes grande combate de trabalhos: 33 pois por huma parte com opprobrios, e tribulações fostes na verdade feitos hum espectaculo: e por outra fostes feitos companheiros dos que se achavão no mesmo estado. 34 Porque não só vos compadecestes dos encarcerados, mas levastes com contentamento, que vos roubassem as vossas fazendas, conhecendo que tendes patrimonio mais excelente, e durável. 35 Não queiraís pois perder a vossa confiança, que tem hum crescido galardão. 36 Porque vos he necessaria a paciencia: para que fazendo a vontade de Deos, alcanceis a promessa. 37 Porque ainda dentro d'hum poucochinho de tempo, o que ha de vir, virá, e não tardará. 38 Mas o meu justo vive da fé: porém se elle se apartar, não agradará á minha alma.

Reflexões

Trazei à memória aqueles primeiros tempos, etc. Lembremo-nos daqueles dias de inocência e de fervor, em que, desembaraçada a razão das névoas que levantam as paixões e isento o coração da corrupção que causa o vício, recebiam-se com docilidade e com alegria as luzes da fé e as impressões da graça. Voltemos a consideração para aqueles dias tranquilos e serenos em que gostávamos de Deus com sossegada doçura e, desocupada a alma das preocupações que escurecem a razão debilitando a fé, experimentava um exquisito prazer penetrando aquelas grandes verdades que põem tanto tédio às ilusões do mundo. Embebidos então nas importantes

máximas da Religião, que saudáveis reflexões se faziam sobre o capricho e sobre as extravagantes inquietudes do coração humano! Sobre a vida inútil de tantas gentes! Sobre as falsas ideias de felicidade! Sobre as perniciosas máximas do mundo! Compadecidos da fraqueza dos que se deixam levar da corrente, quantas vezes nos lamentamos de sua desgraçada sorte! Quantas nos indignamos contra a falsa segurança dos mundanos e, movidos desta santa indignação, declamamos contra sua escandalosa licença! Aquele jovem, cuja circunspeção, cuja madureza e cuja virtude o faziam respeitável até aos mesmos dissolutos, fazia então muito caso de seus juízos? Solicitava com muita ânsia merecer sua aprovação? Dava-se-lhe muito por suas censuras? Envergonhava-se do Evangelho? Com que horror olhava naquele tempo essas licenciosas festas, essas partidas de diversão, das quais sempre sai a inocência com alguma perda! Com que cuidado fugia daqueles espetáculos que a Religião proíbe aos Cristãos! Quanto lhe desgostavam todos os divertimentos de ruído e de tumulto! Com que generosidade, com que constância se divorciava de tudo o que podia lastimar a consciência! Doce, humilde, atento, cortês (porque tudo isto é o que é verdadeiramente virtuoso), que peso em todos os seus pensamentos! Que solidez em todos os seus discursos! Que prudência em todos os seus conselhos! Que perseverança em suas devoções! Porque, desenganemo-nos, a retidão, a afabilidade e o bom juízo são inseparáveis da virtude cristã. Aquela outra senhora, intimamente imbuída nas grandes verdades da Religião, em nada achava verdadeiro consolo senão nos exercícios de uma sólida devoção: estimada, aplaudida e respeitada do mundo precisamente porque não se conformava com suas máximas. A mesma regularidade de seus costumes dava novo lustre a todas as demais prendas suas naturais. Até a mesma inveja respeitava sua virtude. O mundo mesmo a propunha por modelo de uma senhora cristã, distinguindo-se mais por sua modéstia que por sua elevada qualidade. Sua devoção era a melhor prova de sua fé, e sua conduta seu maior elogio. Mas conseguiu desgraçadamente murchar aquele lustre o contagioso ar do mundo e das más companhias; tomou a peito aquela peçonha, aquele veneno preparado com que brinda o mundo, ponderando-o continuamente como uma bebida muito exquisita. Cobrou tédio àquela vida igual, cristã e regular, voltando as costas ao partido da virtude. Bom Deus, e que espantosa mudança se observa no entendimento, no coração e até nos modos exteriores da mesma pessoa! Cotejemos o que somos com o que fomos. Oh, que retratos tão dessemelhantes! Mas aproveitemo-nos desta dessemelhança; e, trazendo à memória aqueles primeiros anos em que era tão acertada nossa conduta, perguntemo-nos se o é igualmente depois que abandonamos o partido da virtude.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 24 de São Mateus.

Mateus 24,3-13

> **Latim:** 3 Sedente autem eo super montem Oliveti, accesserunt ad eum discipuli secreto, dicentes : Dic nobis, quando hæc erunt ? et quod signum adventus tui, et consummationis sæculi ? 4 Et respondens Jesus, dixit eis : Videte ne quis vos

> seducat : [5] multi enim venient in nomine meo, dicentes : Ego sum Christus : et multos seducent. [6] Audituri enim estis prælia, et opiniones præliorum. Videte ne turbemini : oportet enim hæc fieri, sed nondum est finis : [7] consurget enim gens in gentem, et regnum in regnum, et erunt pestilentiæ, et fames, et terræmotus per loca : [8] hæc autem omnia initia sunt dolorum. [9] Tunc tradent vos in tribulationem, et occident vos : et eritis odio omnibus gentibus propter nomen meum. [10] Et tunc scandalizabuntur multi, et invicem tradent, et odio habebunt invicem. [11] Et multi pseudoprophetæ surgent, et seducent multos. [12] Et quoniam abundavit iniquitas, refrigescet caritas multorum : [13] qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.

Português: [3] E estando elle assentado no monte das Oliveiras, se chegárao á elle seus discípulos á puridade, perguntando-lhe: Dize-nos, quando succe derão estas cousas? e que sinal haverá da tua vinda, e da consummação do século? [4] E respondendo Jesus, lhes disse: Vede não vos engane algum: [5] porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Christo : e enganarão a muitos. [6] Haveis pois de ouvir guerras, e rumores de guerras. Olhai não vos turbeis : porque importa que assim aconteça, mas não he este ainda o fim. [7] Porque se levantarão nação contra nação, e reino contra reino, e haverá pestilencias, e fomes, e terremotos em diversos lugares. [8] E todas estas cousas são princípios das dores. [9] Então vos entregaráo á tribulação, e vos matarão: e sereis aborrecidos de todas as gentes por causa do meu nome. [10] E muitos então serão escandalizados, e se entregaráo de parte a parte, e se aborrecerão huns aos outros. [11] E levantar-se-hão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. [12] E por quanto multiplicar-se-ha a iniquidade, se resfriará a caridade de muitos: [13] mas o que perseverar até o fim, esse será salvo.

Meditação

Sobre a perseverança

Primeiro ponto

Considera que a suprema felicidade do homem é a perseverança final, posto que o põe em posse do soberano bem. A única felicidade do homem durante esta vida mortal é viver santamente em graça e amizade de Deus; qualquer outro bem, qualquer outro gosto é mera ilusão, é vão entendimento; mas a perseverança na graça final é o que se chama, a respeito de nós, perfeita e cabal felicidade. Ainda que tenha sido muito fervorosa nossa conversão, de nada nos servirá sem o dom da perseverança: este dom é propriamente o que dá valor a nossas boas obras: sem a perseverança de nada serve a mais perfeita inocência, a mais heroica virtude nem a penitência mais rigorosa e mais austera. Havia Deus escolhido Saul com especial predileção: havia sido Salomão o oráculo e a admiração do mundo por sua sabedoria e por sua virtude: foi Judas um dos apóstolos do Salvador e até havia feito milagres: fez Orígenes tudo quanto pôde para derramar o

sangue por amor de Jesus Cristo: por bastante tempo foi Tertuliano um grande Padre da Igreja: todos estes grandes homens começaram bem, ainda por alguns anos perseveraram na inocência, no fervor e nos caminhos da justiça. Honraram a Religião enquanto se mantiveram em graça; mas faltando, enfim, e desmentindo aquele exato arranjo de costumes, cansados de andar pelos caminhos do Senhor, deixando-se arrastar da torrente das paixões e do mau exemplo, que fim tiveram tão triste! Que desgraçada foi sua eterna sorte! A graça final, a final perseverança nesta graça é a que põe o selo a tudo. Sem este selo nada é admitido na outra vida: esmolas, penitências, boas obras e devoção, tudo é perdido se não está marcado com o selo da perseverança. Haviam perseverado na pureza aquelas virgens descuidadas e pouco prevenidas, não se havia murchado nelas aquela delicada virtude, muitas boas obras haviam feito no anterior espaço de sua vida; mas tiveram a desgraça de dormir-se perto do fim do dia, não perseveraram no fervoroso zelo que tinham de sua salvação, naquela vigilância que é sempre tão necessária: chega o Esposo quando estavam dormidas, não as encontra em vela como às outras; não perseveraram no fervor e se perderam. Bom Deus, é possível que estas razões, estas lições e estes exemplos façam tão pouca impressão em tantos corações que se acham no mesmo caso!

Segundo ponto

Considera que, ainda que a perseverança na graça é puro dom de Deus, a falta dela é puramente obra nossa. A vida da graça que nos adquire a penitência é, por sua natureza, tão imortal e tão incorruptível como o é a mesma alma em quem se recebe. Se perdemos esta graça contra o intento de Deus, a nós e não a Ele devemos imputá-lo; e nisto consiste nossa desordem. Estamos bem instruídos da necessidade que temos desta perseverança final; pois por que não trabalhamos para conseguí-la? Deveríamos empregar toda a vida em contínuas e ansiosas diligências para alcançar este precioso dom: deveria ser incessantemente a perseverança final o objeto de nossos desejos, o fim de nossas obras e, por assim dizer, o motivo de todas as nossas orações. Ainda que tenhamos adquirido imensos tesouros de graças e de merecimentos, se por nossa desdita não perseveramos na vida da graça até o último momento; se por nossa infeliz sorte morremos em desgraça de Deus e em pecado mortal, ainda que houvéssemos vivido inocentes, fervorosos e penitentes até o momento que precede ao último; se nele perdemos a graça decisiva, perderam-se também para toda a eternidade todos aqueles tesouros. Nenhum caso fará Deus de todas as nossas boas obras passadas. Confundidos com os ímpios e com os réprobos, seremos eternamente condenados sem redenção e sem recurso. E à vista disto, não se pede a Deus todos os dias esta perseverança! Não se aplicam todos os meios para conseguir este dom! Temer-se-á tanto qualquer outro mal, seja qual for, como o faltar à perseverança! Não, meu Deus, não será assim: só este mal, só esta desdita temerei eu daqui em diante; nem cessarei jamais de pedir-vos o dom da perseverança. Não pouparei lágrimas nem suspiros para mover, para inclinar vossa misericórdia, e procurarei não fazer-me indigno deste dom, sendo fiel a vossa divina graça.

Jaculatórias

Afirmai, Senhor, meus passos no caminho que guia a Vós, não suceda que me descaminhe e me perca. (Sl 16.)

Resolvido estou, Senhor, mediante vossa divina graça, a não separar-me do caminho de vossa justiça que comecei a seguir. (Jó 27.)

Propósitos

1. Ainda que não podemos merecer a perseverança e a graça final, podemos não fazer-nos indignos deste precioso dom. Persevera na fuga do pecado, no exercício da virtude, em guardar a inocência, e tem uma firme confiança de que Deus coroará uma inocente vida com uma santa morte. Olha com um santo horror tudo o que pode fazer-te perder a vida da graça. Foge de todas as ocasiões de pecar; frequenta os Sacramentos; e, se por tua desgraça caíste em algum pecado, nunca deixes passar o dia sem acudir ao sacramento da Penitência. Não o dilates para o primeiro dia de festa, para quando estiveres desocupado, para quando tiveres comodidade. Essas dilações foram funesta causa de reprovação a muitos, cuja prudente vida prometia melhor fim. Todos os dias hás de fazer alguma oração a Deus pedindo-lhe a graça final. O tempo mais próprio para pedir e para alcançar este grande dom é o do santo sacrifício da missa, na elevação da sagrada hóstia. Interessa nisto a santíssima Virgem, oferecendo-lhe também todos os dias alguma oração para conseguir por sua poderosa intercessão a final perseverança. Infalivelmente a consegue para aqueles que são verdadeiros devotos seus.

2. Cada um dos dias hás de considerá-lo como se fosse o último de tua vida, vivendo nele como se efetivamente o fosse. Este é o meio mais eficaz para conseguir o dom da perseverança. Dirige a este mesmo fim todas as tuas obras. Também é meio excelente para perseverar na vida da graça um dia de retiro cada mês. Manda dizer de quando em quando algumas missas por este importante sucesso. Nenhum negócio nos importa mais. A salvação é nosso único negócio, e da perseverança final depende a salvação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:44 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:44 by Admin